

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

FORMULAÇÃO EDITORIAL DE UMA COLECÇÃO DE AVENTURAS: a colecção
Salgari da livraria Romano Torres¹

A PUBLISHER'S FORMULATION OF AN ADVENTURE BOOK SERIES: the
livraria Romano Torres' Salgari collection

FORMULACIÓN EDITORIAL DE UNA COLECCIÓN DE AVENTURAS: la
colección Salgari de la librería Romano Torres

NUNO MEDEIROS

Professor da Escola Superior de Tecnologia da Saúde em Lisboa do Instituto
Politécnico de Lisboa

Doutorando em Sociologia Histórica da Cultura na Universidade Nova de Lisboa
nuno.medeiros@fcs.unl.pt

Resumo: Este artigo explora os caminhos múltiplos e, por vezes, ínvios através dos quais se tece o trabalho editorial na construção de uma colecção de livros. Esse trabalho encontra-se socialmente inscrito num contexto em que se articulam e interligam, frequentemente em tensão, lógicas e actores até exteriores à editora, formando um processo que molda a cultura impressa. O caso estudado é o da colecção Salgari, editada pela Livraria Romano Torres, editora portuguesa que publica esta série de literatura de aventuras durante mais de sete décadas.

Palavras-chave: Livraria Romano Torres. Emilio Salgari. Literatura de aventuras.

Abstract: This article explores the multiple and often-impervious paths facing the publishing work while undertaking the task of putting together book series. Such task is socially inscribed in a context within which diverse frameworks and agents even outside the publishing house get to establish links among themselves, tensional most of the times, forming a process that shapes print culture. This article dwells on the case of Salgari collection, published by Livraria Romano Torres, a Portuguese publishing house that had this adventure book series in their catalogs for more than seven decades.

Keywords: Livraria Romano Torres (publishing house). Emilio Salgari. Adventure books.

Resumen: Este artículo explota los múltiples caminos y, por veces, intransitables, a través de ellos se construye el trabajo editorial en la construcción de una colección de libros. Ese trabajo se encuentra socialmente inscrito en un contexto en que se articulan y se mezclan, frecuentemente en tensión, lógicas y autores externos a la editora, formando un proceso que molda la cultura impresa. El caso analizado es de la colección Salgari, editada por la Librería Romano Torres, editora portuguesa que publica esta serie de literatura de aventuras durante más de siete décadas.

Palabras clave: Librería Romano Torres. Emilio Salgari. Literatura de aventuras.

Inconstâncias e indefinições iniciais

¹ Artigo submetido à avaliação em 14/09/2014 e aprovado para publicação em 26/10/2014.

Emergindo na era dourada do designado romance de aventuras oitocentista, Emilio Salgari rapidamente se alcançou à galeria dos escritores cuja produção literária forjou os imaginários de leitores espalhados por toda a Europa na transição do século XIX para o XX, num tempo que terá marcado a primeira massificação do livro na sua acepção moderna e industrial². Depois do sucesso na Itália natal, os livros de Salgari vão conhecer um movimento de traduções num conjunto alargado de países. A primeira obra de Salgari editada em livro em Portugal, omitindo embora a autoria original, intitulou-se *A Epopeia de Nadir*, datando a publicação de 1905³. A editora deste volume, Gazeta das Aldeias, terá sido a primeira editora de Emilio Salgari em Portugal, publicando enquanto periódico *A Gazeta das Aldeias* a partir de 1903 vários títulos em folhetins literários⁴. A grande responsável pela edição e, de modo sistemático e continuado, pela introdução de Emilio Salgari em Portugal – e também no Brasil – é a Livraria Romano Torres, casa de edição oitocentista e que será responsável pela edição em língua portuguesa de quase todos os romances de Salgari e de muitos dos seus contos ou novelas⁵. O sucesso da colecção traduziu-se em múltiplas edições e reedições, constituindo o universo salgariano uma presença constante no catálogo da editora ao longo da sua actividade.

² Para um panorama geral da história da edição e do consumo literário na transição do século XIX para o XX, veja-se WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society: 1780-1950*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1983; CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (dir.). *Histoire de l'Édition Française*. Vols. 3 e 4. Paris: Promodis e Fayard, 1990 e 1991; HOGGART, Richard. *The Uses of Literacy*. Londres e New Brunswick: Transaction Publishers, 1998; MOLLIER, Jean-Yves, MICHON, Jacques (dir.). *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII^e Siècle à l'An 2000*. Actes du colloque international Sherbrooke 2000. Saint-Nicolas e Paris: Presses de l'Université Laval e L'Harmattan, 2001, e SASSOON, Donald. *The Culture of the Europeans. From 1800 to the present*. Londres: HarperCollins, 2006.

³ *A Epopeia de Nadir*. Porto: Gazeta das Aldeias, 1905, com tradução de Júlio Gama e autoria atribuída a Acacio da Fonseca Laranjo. O volume é uma tradução de *Il Re della Montagna*, original de 1895.

⁴ Confirma-se BRANCO, João A. Carvalho. “Salgari, Sandokan e a aventura portuguesa dos 7 mares”. In Abel Matos Santos (coord.). *Crónicas da Nação*. Coruche e Lisboa: O Jornal de Coruche, 2007, p. 259-268.

⁵ Para uma introdução aos primeiros anos da história da Livraria Romano Torres, vejam-se MEDEIROS, Nuno. “João Romano Torres e C.ia: hermenêutica social de uma editora”. Texto apresentado na *Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX*. Campinas: Universidade de Campinas, 20 a 24 de Agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.espea.iel.unicamp.br/index.php?lang=pt-br>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2014. e LISBOA, João Luís. “Au début, le *Recreio*”. Texto apresentado ao colóquio internacional *A Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 27 a 29 de Agosto de 2012. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/coloquio/files/J_L_LISBOA_fra.pdf>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2014. Para uma panorâmica geral introdutória à história da editora, veja-se MELO, Daniel. “Para uma história da edição no Portugal contemporâneo: estudo de caso das Edições Romano Torres”. In Maria Fernanda Rollo (coord.). *Atas do I Congresso de História Contemporânea*. S.l.: IHC, CEIS20 e Rede História, 2013, p. 555-565.

Na reedição de alguns volumes da série Sandokan da Romano Torres surge a seguinte nota editorial:

AOS NOSSOS LEITORES. Na COLECÇÃO SALGARI - nos volumes 12 a 21 - foram publicadas algumas aventuras do famoso corsário malaio Sandokan. Depois destes volumes publicados observou-se que os acontecimentos narrados nos volumes 17 a 21 antecediam o assunto que constituía os volumes 12 a 16. Só mais tarde, quando adquirimos os direitos de tradução de quase toda a obra [de] Salgari, e conseguido, com grandes dificuldades, um exemplar de cada obra da edição italiana, tivemos ocasião de verificar que as Aventuras de Sandokan se compunham de muitos volumes e portanto era indispensável editá-las por completo e na sua verdadeira sequência, guiando-nos pelas recentes edições italianas. É pois com esta orientação que a partir do volume 136 estamos publicando as Aventuras completas de Sandokan, dando-se porém o caso de nos volumes 136, 137, 141 e 142 se encontrarem assuntos já conhecidos da maioria dos nossos leitores e que foram publicados nos volumes 12 a 21, actualmente esgotados. Todos os outros volumes: 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, etc., são de completa novidade e traduzidos agora pela primeira vez⁶.

Com efeito, uma incursão nos catálogos da Romano Torres em demanda dos livros de Emilio Salgari, erigidos em colecção, confirma um percurso que até ter conhecido alguma estabilidade e fixação, inicialmente parece marcado por inflexões e alterações de numeração, titulação e texto. Tome-se como exemplo *Os Misterios do Oriente*,⁷ de 1924, número doze da colecção na sua primeira edição. A tradução é de Henrique Marques Júnior e não há indicação do título original nem do editor original. Ao contrário das edições seguintes, a editora não oferece qualquer indicação de possuir a propriedade literária ou direitos de tradução do volume. Em 1948, aparece a segunda edição, já com o título *Sandokan Vence o Tigre da Índia*,⁸ uma aglutinação dos antigos números doze e treze (*Os Estranguladores*), e ocupando o número cento e quarenta da então colecção Romances Escolhidos de Emílio Salgari. A versão do original italiano passa a ser de Leyguarda Ferreira, notando-se a introdução de visíveis modificações de tradução relativamente à anterior edição. Tem indicação do título original italiano (*Le Due Tigre*)⁹. A terceira edição mantém o título *Sandokan Vence o Tigre da Índia*,¹⁰ bem

⁶ Citado em: SÁ, Marques de. “A colecção Salgari das Edições Romano Torres. Disponível em <http://salgari.com.sapo.pt/Coleccao.html>. Acesso em: 15 de abril de 2014.

⁷ Lisboa: João Romano Torres & C.^a – Livraria Editora, 1924. Indica na última página, em nota de rodapé, “A continuação desta narrativa intitula-se *Os Estranguladores* e constitui a segunda parte”, p 160. A impressão é na Tipografia Maurício – Lima, Martínez & Pena L.t.d.^a, de Lisboa.

⁸ Lisboa: Livraria Romano Torres, 1948, 2.^a ed. A impressão é na Tipografia Alfa, de Lisboa.

⁹ A grafia correcta do original é *Le Due Tigri*.

¹⁰ Lisboa: Livraria Romano Torres, 1952, 3.^a ed. A impressão é na Imprensa Portuguesa, do Porto.

como a autora da tradução, Leyguarda Ferreira, apresentando-se como “Nova Série” e indicando no interior do livro “Novas edições – traduções revistas”.¹¹

Outro exemplo, entre vários, é *A Pérola de Labuan*, publicado em primeira edição em 1924, com o número dezessete da colecção Salgari,¹² em tradução de Henrique Marques Júnior. No princípio da narrativa, lê-se logo depois do título, em nota de rodapé: “Vidé o volume anterior, intitulado: *O Filho do Estrangulador*”¹³. Não há indicação do título original nem do editor original. Ao contrário das edições seguintes, não é feita qualquer alusão nem à existência de propriedade literária, nem à aquisição dos direitos de tradução. Também é de 1948 a segunda edição, desta feita portando o título *Sandokan, o Corsário*,¹⁴ novamente uma junção dos anteriores números dezessete e dezoito (*Aventuras de Sandokan*), reordenado com o número cento e trinta e seis. Mantém a indicação de versão de Henrique Marques Júnior, embora com visíveis alterações de tradução relativamente à anterior edição, ostentando ainda o título original italiano (*Le Tigre de Mompracem*),¹⁵ bem como a informação de que é uma “Nova Série”. A terceira edição mantém o título, *Sandokan, o Corsário*, o número, cento e trinta e seis, e o tradutor, Henrique Marques Júnior, o que não impediu a editora de proceder a mudanças no texto¹⁶.

Não é incomum, muito menos o seria nesta época, que de uma edição para outra do mesmo livro, uma editora incorpore alterações num determinado livro publicado. O que assume neste caso contornos de maior raridade é a quantidade de mudanças entre edições, sobretudo da primeira para a segunda. Muda o título e o próprio livro no seu conteúdo, que passa a agregar duas obras anteriormente separadas, muda a versão traduzida (mudando, num dos casos, até o tradutor), mais do que uma vez, mudam as informações paratextuais como a indicação do título original ou a referência à existência de propriedade literária, muda a numeração. Neste ponto, não se trata apenas de um reposicionamento na colecção de ambos os livros. A precedência entre ambos inverte-se, o que vai suceder com outros livros. Nos exemplos apontados, focados ambos nas aventuras de Sandokan, a mais famosa personagem do universo

¹¹ Ibid., p. [2].

¹² Lisboa: João Romano Torres & C.^a – Editores, 1924. A impressão é na Técnica Tipográfica, de Lisboa.

¹³ Ibid., p. 5.

¹⁴ Lisboa: Livraria Romano Torres, 1948, 2.^a ed. A impressão é na Tipografia Mendonça, do Porto.

¹⁵ A grafia correcta do original é *Le Tigri di Mompracem*.

¹⁶ Lisboa: Edição Romano Torres, s.d., 3.^a ed. A impressão é na Gráfica Santelmo, de Lisboa.

criativo de Emilio Salgari, a inversão da precedência ocorre pelo facto simples da editora se ter dado conta de que *Le Tigri di Mompracem*, o primeiro grande romance aventuroso de Salgari, publicado originalmente em 1883, anteceder *Le Due Tigri*, de 1904, corrigindo-se assim o erro original de se ter dado à estampa na edição portuguesa as obras pela ordem incorrecta. Por outro lado, ao longo da sua existência, a colecção Salgari sofre mutações assinaláveis em termos da sequência e numeração dos seus volumes, com múltiplos acertos no título (quando não substituição do mesmo). As alterações foram extensas, não tendo aqui cabimento a sua análise profunda. Entre os números trinta e oito e setenta e dois que inicialmente formavam a colecção, só o quarenta e cinco, *Aventuras de Simão Wander*, manteve a posição. Todos os outros foram reposicionados ou suprimidos definitivamente da colecção. A partir da década de 1950, sem que a pesquisa tenha conseguido apurar porquê, passa a existir um hiato entre os números setenta e dois e cento e dez e entre os números cento e doze e cento e trinta e cinco. Estes números deixam mesmo de existir enquanto números da colecção, não sendo substituídos por outros títulos.

Este ziguezaguear de opções e escolhas editoriais no rumo a imprimir à colecção pela Romano Torres prende-se com o seu processo de construção editorial e com o rumo que a intervenção de vários agentes, o mais importante dos quais seguramente o editor, vai conferindo a essa invenção, para utilizar a feliz expressão de Isabelle Olivero¹⁷. É nebulosa a forma como a Romano Torres resolveu editar os livros de Salgari e como planeou a sequência da colecção que a partir de certo momento se descortinou existir. Será no ano de 1926 que se vislumbra a efectiva génese da colecção como colecção, e não nas hesitantes e inconstantes tentativas anteriores, traduzidas em edições avulsas e sem elemento agregador próprio de uma série, portadora de vários elementos que lhe confirmam unidade, sobretudo se for uma série importada, já que esse facto passa a constituir a fasquia de émulo quando se procura produzir um agrupamento de títulos que siga o agregado de títulos original – isto é, que copie ou se assemelhe à edição de todos os volumes ou de parte substancial deles – ou quando se aspira à publicação da obra completa de um autor.

Data de 18 de Maio de 1926 a primeira carta de Luigi Motta no arquivo da Romano Torres, ainda sem indicação de destinatário, na qual o remetente se apresenta

¹⁷ OLIVERO, Isabelle. *L'Invention de la Collection*. Paris: IMEC, 1999.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

como autor de “numerosi Romanzi d’avventure” publicados em vários países, procurando saber “se è possibile trattare per la cessione delle mie Opere in Portoghese. Le mie Opere sono di genere Avventure e Viaggi ed hanno una grandíssima popolarità essendo anche ridotte per il Cinematografo”. Em missiva de 16 de Junho do mesmo ano, afirma ser autor de cinquenta e quatro obras, que “sono tradotte in tutte le lingue e cioè in Francese Tedesco Inglese Ceco Slovaco Spagnolo e altre”, declarando disponibilidade para que sejam traduzidas em português e perguntando pela primeira vez “se le Opere di Emilio Salgari vennero pubblicate in lingua Portoghese e da chi”, indagação que repete na carta seguinte, datada de 5 de Julho de 1926, revelando, finalmente, em missiva de 11 de Julho que “Dette Opere sono di mia proprietà, e ve le propongo puré se le volete, certo di farvi fare un ottimo affare”¹⁸.

Luigi Motta é um escritor e jornalista italiano, embora também tenha representado alguns colegas escritores italianos na venda para o estrangeiro de peças teatrais. Tendo nascido em 1881, dois anos antes do primeiro grande sucesso editorial de Emilio Salgari, inscreve o seu estilo e a sua temática de escrita na literatura de aventuras, nutrindo admiração pelo prógono e patrono literário, Salgari. É este quem escreve o prefácio ao primeiro livro de Motta, *I Flagellatori dell’Oceano*, romance vencedor do concurso promovido em 1900 pela casa Donath, editora de Salgari. Torna-se amigo de quem via como mestre, assumindo-se como seu émulo e, para muitos, como o maior continuador da obra salgariana¹⁹.

Refira-se que a Romano Torres publicara os seus primeiros livros de Emilio Salgari em 1910,²⁰ realidade que Motta parece desconhecer em absoluto, mas não Ana

¹⁸ Carta de 11 de Julho de 1926, de Luigi Motta sem destinatário identificável, p. 2. Tal como grande parte dos catálogos (de finais dos anos 1950 em diante), a correspondência relativa à Livraria Romano Torres encontra-se depositada no arquivo histórico da editora, no Centro de História da Cultura, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Para mais informação sobre o acervo desta casa de livros portuguesa, visite-se a página virtual “Romano Torres: um arquivo histórico representativo da edição contemporânea”, Disponível em <<http://fcsh.unl.pt/chc/romanotorres/>>. Acesso em: 26 de junho de 2014.

¹⁹ Sobre a apreciação geral da produção e da figura de Luigi Motta, vejam-se LOMBARDO, Caterina. “Luigi Motta: un anticipatore della letteratura fantastica e scientifica italiana”. In Claudio Gallo (Org.). *Viaggi Straordinari tra Spazio e Tempo*. Verona: Biblioteca Civica di Verona, 2001, p. 98-105, bem como o volume de celebração *A Luigi Motta nel primo anniversario dalla morte, 18 dicembre 1956*. Separata do periódico *Vita Veronese*, n. 12, 1956, que integra o arquivo histórico Romano Torres.

²⁰ *A Montanha de Luz, Os Dramas da Escravatura, O Último Elefante Branco e A Conquista do Talismã*, editados a partir dos originais italianos *La Montagna di Luce, I Drammi della Schiavitù, La Città del Re Lebroso – I e La Città del Re Lebroso – II*. Só já nos anos 1920 é que a Romano Torres publicaria novos títulos de Salgari.

de Castro Osório, autora portuguesa ligada aos movimentos pedagogistas, republicanos e de emancipação feminina²¹ e que encaminha as cartas para o editor que considerou mais adequado e com o qual tinha relações. Na verdade, as quatro missivas foram remetidas por Luigi Motta a Ana de Castro Osório, que, em carta de 22 de Julho dirigida à “João Romano Torres & Comp. [par.] Empreza o Recreio”, traduz a última carta de Luigi Motta do italiano para o português, escrevendo esperar “o favor duma resposta que enviarei ao escritor Luigi Motta, com a sua contraproposta”, dado que atesta a sua condição inicial como intermediária entre o escritor italiano e a editorial portuguesa. E a resposta veio na forma de um memorando em português enviado à escritora portuguesa, que o reenviou a Luigi Motta, na qualidade de intermediária,²² e também promotora do acesso à literatura pelos mais novos, sendo ela própria autora de livros infantis. Em apoio à pretensão da editorial na publicação da obra completa de Emilio Salgari, Ana de Castro Osório produz a seguinte afirmação: “Tenho fé que os romances de aventuras serão uma salutar chicotada na inércia intelectual da nossa pequenada... dos 12 aos 80 anos. Como V.E.^a diz”²³.

No memorando remetido através de Castro Osório ao escritor italiano, a Romano Torres começa por querer saber se Luigi Motta é possuidor dos direitos relativos a todas as obras de Emilio Salgari ou se apenas possui uma parcela, e se os adquiriu por compra, por ser herdeiro da família ou por ser seu representante. Declara o memorando ainda que a empresa João Romano Torres sabe que Salgari faleceu em 1911, garantindo que, logo em 1914, a editora procurou descobrir o detentor dos direitos da obra, sem sucesso, em virtude da conflagração mundial. Afirma ainda ter sabido que existem obras de Salgari vendidas para o Brasil, perguntando quais foram. Essas teriam de ser postas de lado, pois poderiam surgir em qualquer momento edições

²¹ Sobre esta autora, veja-se MEDEIROS, Fátima Ribeiro de. “Ana de Castro Osório, uma mulher de causas e convicções”. In Albérico, Afonso; ALMEIDA, Fernando (coords.). *Estudos Locais do Distrito de Setúbal*. Setúbal: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 2011, p. 293-302.

²² O reenvio do memorando para Luigi Motta é confirmado por bilhete-postal enviado de Setúbal por Ana de Castro Osório a João Romano Torres em 27 de Agosto de 1926. Neste bilhete-postal Ana de Castro Osório sublinha uma ideia que há-de reiterar (por exemplo, noutra bilhete postal com data de 29 de Agosto de 1926, enviado novamente de Setúbal), que é a de que o seu interesse de intermediação é puramente literário. Na verdade, a escritora portuguesa mantém algumas relações de trabalho com a Romano Torres. Ainda na carta de 22 de Julho de 1926, por exemplo, Ana de Castro Osório escreve: “Tenho também para traduzir um livro de contos muito interessante dum escritor italiano Gilberto Beccari, passados na America do Sul, que me parece podem agradar muito aqui e no Brasil. Diga-me se quer que tratemos também desta tradução”.

²³ Carta de 10 de Dezembro de 1926 para a Romano Torres.

brasileiras “e a concorrência seria desastrosa para nós”. Seria indispensável “que as obras vendidas para Portugal fosse[m] com a aclaração de ser para lingua portuguesa e não poder serem vendidas para Brazil”. Acrescenta ser

preciso fazer vêr ao Snr. Luigi Motta que o nosso mercado no continente não se compara com o mercado hespanhol ou mesmo o italiano, e que se os negocios com o Brazil estão paralisados é possível que a crise vá passando e dentro de poucos anos volte a ser para nós qualquer coisa de importante. D’ahi a necessidade de salvaguardar o prejuizo que daria a venda dos direitos não abrangendo o Brazil. Bem entendido que as obras já vendidas para o Brazil teem por nós que serem postas de lado.

Garantir um espaço alargado de distribuição e venda dos livros é, assim, assumido como elemento vital na tomada de decisão editorial, tanto na opção por investimento em direitos de tradução como no cálculo e assunção de risco comercial inerentes ao desenho e produção de uma coleção que, para vários efeitos, era nova. O mercado brasileiro, ainda nos anos 1920 e 1930, permanecia, sobretudo, como o mercado por excelência do escoamento da produção editorial portuguesa, apesar de se começar a perceber que a indústria brasileira do livro ostentava um surto quantitativo e um desenvolvimento qualitativo inegáveis²⁴. Para além de todas as pontes editoriais e intelectuais luso-brasileiras, e que foram fundamentais na constituição de um espaço inter-atlântico de trocas culturais e tipográficas (nem sempre pautadas pela simetria ou pela fluidez),²⁵ as opções portuguesas pelo Brasil como elemento de expansão da atividade do livro publicado em Portugal parecem, por isso, ser governadas tanto pela preocupação com a escala enquanto ato estratégico de sobrevivência econômica, como por um sentimento tardio e persistente de subordinação da esfera literária e, sobretudo, do universo editorial brasileiro pelos atores da edição em Portugal²⁶.

Se a aquisição da propriedade dos direitos de tradução e edição para a língua portuguesa implicando a premissa da inclusão de Portugal e Brasil é uma questão

²⁴ Sobre o crescimento do setor da edição no Brasil no século XX, vejam-se BRAGANÇA, Aníbal, ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2012.

²⁵ Sobre o trânsito dos impressos e das letras e ideias entre Brasil e Portugal, e sobre as aproximações e desafios no quadro desse intercâmbio, vejam-se ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas: ALB, Mercado de Letras e Fapesp, 2003. e VENANCIO, Giselle. *Pontes Sobre o Atlântico. Ensaios sobre relações editoriais e intelectuais luso-brasileiras*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.

²⁶ Sobre a basculação de poder, e a sua inversão, entre as esferas tipográficas portuguesa e brasileira, veja-se MEDEIROS, Nuno. “Influência e contrainfluência na inversão do poder tipográfico entre Portugal e o Brasil. Narrativa e atividade nos editores portugueses”. *História (São Paulo)*, vol. 30, n. 2, São Paulo: UNESP, ago.-dez. 2011. p. 179-195.

resolvida na relação com Luigi Motta, que cedo entende este pressuposto da Romano Torres e não propõe negócios que não o contemplem, com os herdeiros de Emilio Salgari houve a necessidade de realçar este *modus operandi* da editora portuguesa. Se, por exemplo, Omar Salgari apresenta em carta de 24 de Abril de 1937 uma lista de novelas cujos direitos permanecem disponíveis apenas para Portugal, aludindo à Casa Nacional, de São Paulo, e ao pagamento de duas mil liras por romance que a editora brasileira terá feito, a Romano Torres responde em 24 de Maio de modo esclarecedor, reiterando que “Alla nostra casa solo interessa stampare opere ed romanzi com diritti libere per il Portugallo ed Brasile”.

Vendo as suas preocupações sobre a questão dos direitos (e, portanto, sobre a possibilidade de explorar na íntegra a totalidade do mercado do livro em língua portuguesa) sossegadas por Motta em missiva de 23 de Agosto de 1926,²⁷ a Romano Torres enceta um contacto direto com o escritor italiano, solicitando já em finais de Agosto uma relação completa das obras de Salgari e reiterando a disposição para um acordo de aquisição de direitos para Portugal e Brasil das obras de Motta e de Salgari. Iniciava-se, assim, um processo que conduzirá ao estabelecimento de vários acordos e contratos, sobre os quais se firmará a colecção Salgari da editora portuguesa.

O grande contrato com Luigi Motta

Logo no início, em carta de 17 de Setembro de 1926, Luigi Motta propõe, sem sucesso, que a cessão dos romances seja feita para Portugal e Brasil por um período limitado a dez anos a partir da data de publicação de cada título. Em bilhete timbrado de Carlos Bregante Torres²⁸ manuscrito de 28 de Setembro de 1926,²⁹ o editor formula ao escritor italiano o pedido de uma aquisição de direitos de tradução e edição sem prazo,

²⁷ Na qual garante não ter ainda nenhuma obra sua sido vendida para o território brasileiro, asseverando ter “il diritto di trattare per tutto il Mondo per le Opere di Emilio Salgari” (p. 1), em virtude de contrato com os parentes herdeiros de Salgari, acrescentando que os direitos de nenhum título foram vendidos para o Brasil, e se tal facto sucedeu em momento anterior, foi-o abusivamente, declarando-se Motta pronto recorrer à justiça, se os direitos de um editor se virem ameaçados.

²⁸ Editor e filho do fundador, João Romano Torres.

²⁹ Manuscrito que constitui a estrutura da carta enviada pela Romano Torres a Motta em 29 de Setembro de 1926, na qual a editorial portuguesa aventa pela primeira vez a hipótese de adquirir os direitos de todo o conjunto da obra salgariana.

isto é, a título definitivo, “pois que sendo autores desconhecidos n’este mercado será o nosso reclame que os torna conhecidos e não seria justo vir um outro editor colher (mais tarde) o resultado do nosso trabalho. Julgamos que V. achará isto razoável” (p. 1).

Ultrapassada esta primeira divergência de perspectiva, e anuindo o escritor italiano à pretensão manifestada pela editora portuguesa de obtenção dos direitos dos livros negociados por prazo definitivo, a Romano Torres faz um primeiro negócio com o escritor italiano, comprando-lhe os direitos de seis obras em 29 de Outubro de 1926, antes de se abalançar ao negócio dos direitos da obra salgariana, constituída por oitenta e quatro obras, segundo lista fornecida em carta de 23 de Outubro por Luigi Motta à Romano Torres com a “COLLECTION COMPLETE”³⁰ dos romances de Emilio Salgari. Os livros de Luigi Motta, começados a traduzir logo nos anos 1920 por Ana de Castro Osório, Miguel Osório de Castro ou Henrique Marques e que chegaram a dar origem a uma colecção com dezesseis volumes designada “Obras de Luigi Motta” (e apresentada como “Romances de viagens e aventuras extraordinárias”), aparentemente não terão merecido do público ou do editor português a recepção e a longevidade que o escritor esperaria, não se registrando pelo menos em finais dos anos 1950 referências a esta colecção nos catálogos ou nos livros da Romano Torres. A primeira experiência de aquisição de direitos com Motta parece ter constituído um evidente teste à forma como decorreria ou poderia decorrer no futuro uma relação comercial e editorial com o escritor italiano, tanto que a editorial portuguesa chega a explicitar que, caso viesse a verificar-se um acordo relativamente à obra de Salgari, os procedimentos contratuais e de pagamento seguiriam os que tinham sido observados no contrato relativo aos seis títulos da autoria de Luigi Motta.

Em final de Dezembro de 1926 chega o acordo: quarenta mil liras italianas³¹ pela aquisição dos direitos de tradução e edição dos oitenta e quatro títulos da autoria de Emilio Salgari, a que se juntam outras mil liras para pagamento das custas relativas à remessa de cada um dos exemplares da edição italiana à editora portuguesa.³² No dia 10

³⁰ As maiúsculas e os sublinhados que surgem nas citações deste artigo estão conformes aos respectivos originais. A língua utilizada nas citações é a dos documentos originais, não se tendo procedido a quaisquer correcções ortográficas, sintáticas ou de pontuação.

³¹ A que corresponderia um valor aproximado de trinta e cinco mil e quatrocentos escudos em finais de Dezembro de 1926, segundo missiva do Crédit Franco-Portugais à Romano Torres, de 28 de Dezembro de 1926.

³² Os primeiros trinta volumes foram enviados por Luigi Motta à Romano Torres em 20 de Dezembro de

de Janeiro de 1927, em Milão, é assinado o contrato de autorização redigido em francês, reconhecido por notário italiano e confirmado pelo Consulado Português de Milão, com tradução em português reconhecida pelo Consulado de Itália em Lisboa, entre Luigi Motta³³ e João Romano Torres & C.^a, em que o primeiro autoriza como “proprietário absoluto das obras do falecido Senhor Emilio Salgari” e de forma “absoluta e exclusiva” a tradução para “língua portuguesa” de oitenta e quatro obras de Salgari à editora portuguesa, que fica com a sua “propriedade completa e absoluta (...) em Portugal e no Brasil”, podendo “perseguir judicialmente todas as contrafacções” das mencionadas traduções.

Seria de esperar que o processo de constituição da colecção Salgari pelo seu pioneiro e maior editor em língua portuguesa estivesse, desta forma, encerrado e fluísse sem sobressalto. A conclusão é no mínimo precipitada, em face do que a correspondência posterior entre Luigi Motta, a Livraria Romano Torres e, para fechar a triangulação, os herdeiros de Emilio Salgari mostra, ilustrando a insubstituível utilidade das fontes primárias, nomeadamente, dos acervos arquivísticos e dos espólios documentais e patrimoniais dos editores.³⁴ A partir da data de assinatura de contrato inicia-se um processo de sucessivos pedidos feitos pela Romano Torres a Motta para que este envie o mais rapidamente possível as obras de Emilio Salgari em falta, pedido

1926, segundo carta de Luigi Motta à editora portuguesa. Missivas de 26 e 28 de Dezembro remetidas por Luigi Motta referem o envio de mais livros (de várias editoras: Vallardi, Bemporad e Paravia).

³³ Por direito adquirido por contrato com Omar, Nadir e Romero Salgari, filhos de Emilio Salgari e seus herdeiros. O contrato assinado em Milão, reconhecido por notário italiano e confirmado pelo Consulado Português de Milão, integra o arquivo histórico Romano Torres.

³⁴ Para uma incursão na importância dos arquivos editoriais na configuração do conhecimento da cultura impressa, vejam-se TORTORELLI, Gianfranco (org.). *Fonti e Studi di Storia dell'Editoria*. S.l. [Bolonha]: Edizioni Baiesi, s.d. [1995]; TORTORELLI, Gianfranco. *Gli Archivi degli Editori: studi e prospettive di ricerca*. Bolonha: Pàtron, 1998. CESANA, Roberta. “La memoria bibliografica: storia dell'editoria e archivi editoriali”. *Bibliologia: an international journal of bibliography, library science, history of typography and the book*, vol. I, n. 1, Pisa e Roma: Fabrizio Serra editore, 2006, p. 173-196. MOLLIER, Jean-Yves. *Édition, Presse et Pouvoir en France au XXe Siècle*. S.l.: Fayard, 2008. MOLLIER, Jean-Yves. “Sources et méthodes en histoire du livre, de l'édition et de la lecture”. *Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX*. Campinas: Universidade de Campinas, 20 a 24 de Agosto de 2012. Disponível em: <http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_122_fr.pdf>. BOTREL, Jean-François. “L'histoire de l'édition contemporaine en Espagne: une histoire sans archives?”. In *Vingt Ans de Recherches sur l'Édition. Colloque international*. Caen: Institut de la Mémoire de l'Édition Contemporaine, 5 a 7 de Novembro de 2009. Disponível em: <http://botrel-jean-francois.com/Libro_livre/Memoire.html>. MILLAR, Laura. *The Story Behind the Book: Preserving authors' and publishers' archives*. Vancouver: CCSP Press Books, 2009. MELO, Daniel. “O património da edição contemporânea portuguesa: estado da questão”. *Cultura*. Revista de História e Teoria das Ideias, II série, vol. 30, Lisboa: Centro de História da Cultura, 2012, p. 173-190.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

que em 29 de Março de 1927, através de missiva da editora portuguesa ao escritor italiano, é feito “avec insistance” porque “nous desirons organiser la collection, et nous le pouvons faire, sans avoir tous les oeuvres chez-nous” (p. 2). Em 12 de Maio de 1927 dá-se novo contacto. A Romano Torres acusa a recepção do postal de 10 de Abril no qual Luigi Motta afirmava ir enviar treze volumes de Salgari, tendo a editora portuguesa recebido apenas quatro: *Il Predoni del Sahara*, *I Pescatori di Balena*, *La Città dell’Oro* e *I Drammi della Schiavitú*. Confessa surpresa face ao atraso na remessa dos volumes da colecção de Salgari que estão em falta, garantindo que “sans cela nous ne pouvons terminer la collection et que ça nous fait aussi des dommages.” (p. 1).

As remessas de Itália com mais exemplares dos livros originais com direitos adquiridos pela Romano Torres ocorrem a ritmo lento, frequentemente com pacotes contendo apenas um ou dois volumes. Em carta de 27 de Dezembro de 1927, praticamente um ano depois de concluído o acordo legal de venda de direitos para a língua portuguesa da obra salgariana, Luigi Motta confessa ser-lhe impossível enviar à editora portuguesa os volumes esgotados, assumindo que só a partir de Janeiro de 1928 poderá remeter as novas edições. Em 5 de Março de 1928 a editora faz acompanhar uma carta a Motta de uma relação de volumes de Salgari em falta,³⁵ solicitando os contactos de editores que os tenham editado em espanhol ou francês, para que, não existindo em publicação italiana os títulos em falta, a editora portuguesa os possa solicitar diretamente aos respectivos editores. Recorda enfaticamente ao escritor italiano que tem “une très grande urgence à organiser la collection Salgari, à la quelle dans ce moment nous donnons tout le developement, et sans avoir tous les romans, ça ne sera pas possible.”

Luigi Motta só a custo vai remetendo os exemplares em falta, apesar das promessas e dos prazos quase sempre não cumpridos. Estas circunstâncias não o inibem de ir propondo, com grande insistência, um conjunto de novos negócios. Mesmo quando confrontado com a indisfarçada preferência da Romano Torres pela edição de títulos de Emilio Salgari, Luigi Motta é pertinaz na tentativa de incluir no negócio livros seus. Por exemplo, em carta de 14 de Dezembro de 1928, apresenta novamente a proposta de cedência da colecção completa das suas obras à Romano Torres, que por diversas ocasiões afiançara que futuros entendimentos comerciais dependeriam da conclusão do

³⁵ Da lista constam treze títulos, dos quais sete surgem riscados a lápis.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

acordo Salgari, acordo que se fecharia com a recepção de todos os exemplares dos títulos adquiridos e pagos. Ainda nesta missiva, Motta declara mais uma vez a intenção de mandar os títulos em italiano de Salgari que faltam, aproveitando para propor à editora portuguesa a aquisição da “Biographie tres dramatique de Mr. Salgari”, perguntando finalmente se a Romano Torres estará interessada na aquisição de historietas e novelas (“tres bonnes et tres interessantes”) de Luigi Motta e de Emilio Salgari para publicação em revistas e jornais³⁶.

Em Maio de 1929, a Romano Torres ainda não tinha recebido três títulos: *La Stella Polare*, *Gli Scorridenti del Mare* e *I Predoni del Gran Deserto*.³⁷ Corrigiu, deste modo, missiva anterior de Luigi Motta, na qual este afirmava faltar remeter apenas dois volumes de Salgari, acrescentando nessa altura que corresponderiam a “deux petits Romans qui comptent bien peau dans la Collection.”³⁸ Em Outubro do mesmo ano, ainda sem ter expedido os três livros, Motta propõe à Romano Torres a aquisição para a língua portuguesa de quatro romances de autoria dupla, Salgari-Motta, intitulados *Lo Scettro di Sandokan*, *La Tigre della Malesia*, *La Gloria de Yanez* e *Addio Mompracem!*, publicados pela editorial Sonzogno, todos do ciclo I Pirati della Malesia, adquirido já pela Romano Torres com o negócio da obra completa de Emilio Salgari.³⁹ Será já em 18 de Dezembro de 1929 que o escritor italiano anunciará por carta ter enviado os dois últimos volumes da colecção italiana de Salgari (*Gli Scorridenti dei Mare* e *La Stella Polare*), três anos volvidos sobre o contrato que conferiu à Romano Torres a possibilidade de publicar uma das suas colecções mais marcantes.

Entram em campo os herdeiros de Emilio Salgari

³⁶ No verso da carta surge um texto manuscrito em português, certamente o rascunho de uma missiva de resposta, no qual se pode ler que é solicitado a Luigi Motta o envio tão breve quanto possível dos volumes de Salgari em falta, sendo ainda referido um desejo em adquirir o resto de colecção de Luigi Motta, embora em ocasião mais tardia e economicamente propícia (“Atravessamos ainda uma grande crise, paralisação de negócios e uma maior desvalorização da moeda”), e quando a colecção Salgari estivesse quase toda editada, “visto que o mercado de livros em Portugal não permite duas colecções de romances de aventuras editadas ao mesmo tempo”.

³⁷ Carta de 20 de Maio de 1929 para Luigi Motta.

³⁸ Carta de 4 de Maio de 1929 para a Romano Torres, p. 2.

³⁹ Carta de 19 de Outubro de 1929 para a Romano Torres. Em carta datada de 6 de Novembro seguinte, a Romano Torres manifesta interesse pela aquisição dos quatro títulos Salgari-Motta, “mais seulement quand nous aurons entre-les-mains la publication des derniers volumes de la collection Salgari.” A estes quatro títulos, de autoria dupla, Salgari-Motta, o escritor italiano soma mais dois em missiva de 17 de Março de 1930: *Il Naufragio della Medusa* e *I Cacciatori del Far West*.

Em carta de 26 de Outubro de 1929 a editora italiana Bemporad & Figlio, de Florença, escreve à Romano Torres, declarando ter conhecimento de que a editora portuguesa já tinha publicado a tradução de trinta e cinco romances de Emilio Salgari e cinco de Luigi Motta, e propondo, por isso, a venda de direitos de tradução de quatro romances póstumos de Emilio Salgari (dirigidos pelo filho do autor):⁴⁰ *José Il Peruviano*, *Lo Schiavo del Madagascar*, *Lo Smeraldo di Ceylan* e *L'Eredità del Capitano Gildiaz*, por um preço de mil e quinhentas liras por volume. Depois de alguma hesitação inicial da parte da Romano Torres,⁴¹ as coisas rapidamente se desenrolam, com o negócio a ser fechado em contrato de 20 de Março de 1930, assinado em Florença, com a aquisição dos direitos sobre os quatro títulos à casa Bemporad por quatro mil liras.

Em carta de 21 de Fevereiro de 1930, a Romano Torres informa Luigi Motta de que tem mantido contatos diretos com a Bemporad para a aquisição dos direitos das quatro obras póstumas de Emilio Salgari mencionadas. O escritor parece não reagir a esta informação, persistindo na formulação de propostas de aquisição de obras suas e, nas suas palavras, de coautoria, com Salgari – que designa de Salgari-Motta. O que despoleta uma reação do escritor italiano será a intervenção dos herdeiros de Emilio Salgari, que passam a integrar a geometria de trocas epistolares e mútuas acusações em que o negócio de aquisição dos direitos para a edição da obra completa de Emilio Salgari em língua portuguesa se vai tornar.

A primeira carta remetida pelos herdeiros de Emilio Salgari à Romano Torres é de 23 de Abril de 1930, sendo assinada por Nadir Salgari, na qual o remetente assume que o envio da carta foi suscitado pela notícia de que a editora florentina Bemporad acabara de ceder os direitos de edição e tradução de quatro títulos “di n/ padre Emilio Salgari”. Revelando deterem ainda várias obras com direitos disponíveis para língua portuguesa, os herdeiros vêm a editora portuguesa como potencial compradora dos romances *Le Mie Memorie*, *Le Avventure di un Marinaio in Africa*, *Le*

⁴⁰ Que não é identificado na missiva.

⁴¹ Em carta com data de 6 de Novembro de 1929, a editora portuguesa transmite à congênera italiana que o negócio interessará no futuro, “mais seulement quando nous aurons terminé la collection de Mr. Salgari”, acrescentando: “Nous avons pris bonne note que sera avec vous que nous ferons l'affaire de la cession des droits de ces oeuvres.”

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

Avventure del Gigante Bardana, Sandokan nel Labirinto Infernale, Le Ultime Avventure di Sandokan, Il Fantasma di Sandokan, La Caverna dei Diamanti, Gli Scorridori del Mare, para além de mais de uma centena de novelas da autoria do pai que dizem possuir. Perante alguma indiferença ou desinteresse da editora portuguesa, em 14 de Janeiro de 1931 os herdeiros de Salgari voltam ao contacto com a Romano Torres, indicando mais seis volumes relativamente à lista apresentada na primeira carta: *Addio Mompracem, La Tigre della Malesia, Lo Scetro di Sandokan, I Cacciatori del Far-West, La Gloria di Yanez e Il Naufragio della Medusa*.

Note-se que estes seis títulos correspondem exactamente aos que Luigi Motta procura negociar com a Romano Torres desde Outubro de 1929. Nessa missiva de 14 de Janeiro de 1931, os herdeiros de Salgari indagam se foi a Romano Torres que adquiriu as obras de Emilio Salgari por intermédio de Motta, solicitando que a editora lhes remeta relação “completa e dettagliata delle opere che avete acquistate a mezzo del Sig/ Motta unitamente alla copia contrato”, pedido a que a editora portuguesa se escusa.⁴² Perante a insistência dos herdeiros em conseguir da Romano Torres uma “copia integrale del contrato”,⁴³ contemplando o valor gasto no negócio e os títulos dos romances adquiridos, a editora não esconde o seu desagrado:

nous ne pouvons pas laisser de vous faire remarquer que nous sommes bien surpris qu’ à ce sujet vous vous faites entretenir avec nous, et non directement avec Mr. Luigi Motta, qui est la personne qu’il y a beaucoup d’années conduit les affaires des droits d’auteurs di feu Mr. Salgari⁴⁴.

Confrontados com a enfática reação da editora portuguesa, os herdeiros Salgari, uma vez mais representados por Nadir Salgari, justificam em 3 de Março de 1931 as razões do pedido de contrato e demais informações comerciais e financeiras do negócio com Luigi Motta. Sustentam que Motta não lhes entregou em quatro anos (1927 a 1931) uma cópia do contrato com a Romano Torres, apesar de isso fazer parte de um acordo que os remetentes alegam existir, e no qual se estipulava que Luigi Motta seria o representante dos herdeiros ficando com quarenta por cento do negócio feito, com os restantes sessenta por cento a serem entregues aos herdeiros. O conteúdo da missiva é inequívoco: para os herdeiros, a declaração de cedência dos romances de

⁴² Na resposta, em carta de 26 de Janeiro de 1931 para os herdeiros Salgari.

⁴³ Carta de 9 de Fevereiro de 1931 para a Romano Torres.

⁴⁴ Carta de 15 de Fevereiro de 1931 para os herdeiros Salgari. As partes sublinhadas estão manuscritas.

Salgari feita por eles a Luigi Motta foi usada com má-fé por parte deste. Manifestam ainda desconfiança relativamente ao valor que Luigi Motta lhes garantira estar associado à cedência dos direitos para a Romano Torres: vinte mil liras. Portanto, afirmam os herdeiros que só pedindo diretamente à Romano Torres o contrato com Luigi Motta estariam estes em condições de defender os seus interesses. No caso de recusa da editora portuguesa em entregar cópia do contrato,⁴⁵ os herdeiros Salgari mostram-se dispostos a levar a questão para instâncias judiciais e a recorrer até ao cônsul italiano em Lisboa. A ameaça é recebida com incredulidade pela Romano Torres em carta enviada pela editora portuguesa aos herdeiros de Emilio Salgari com a data de 10 de Abril de 1931, na qual expõe ainda que:

Vous avez une notion erronée sur ce que soit une vente pour compte d'autrui. Si vous aviez chargé Mr. Motta de faire la vente des droits de ces romans, comme votre agente, ils auraient été vendus réellement pour VOTRE COMPTE, mais dès qu'il a eu un TRAITÉ en que vous lui avez cedés tous les droits, Mr. Motta a devenu implicitement son propriétaire. (p. 2)

A persistência dos herdeiros Salgari em pedir uma cópia do contrato efetuado entre a Romano Torres e Luigi Motta durará, numa primeira fase, até à carta de 24 de Junho de 1931, remetida pela editora portuguesa, e à qual não parece ter havido resposta. Nela a Romano Torres mantém a posição de imparcialidade e de distanciamento face ao conflito entre os herdeiros Salgari e Luigi Motta, afirmando que se trata de uma situação “à laquelle nous ne voulons pas nous mélanger, et que surtout, ne nous interesse en rien” (p. 1). Nesta missiva pode ler-se ainda uma posição clara da Romano Torres face à natureza da insistência dos herdeiros e à sua forma, procurando pôr cobro às sucessivas investidas de Nadir Salgari:

Toutes vos impertinences, à la fin commencent à trop nous embêter, et elles ne nous laissent pas aucune volonté de penser à nouvelles affaires avec vous, puisque nous voyons que vous aimez beaucoup perdre du temps en petites questions, sans d'autre résultat pratique pour personne. [par.] Peut-être, serait-il mieux nous desintresser en absolu des romans de feu Monsieur votre Père, que vous nous offrez, en vous rendant l'intière liberte de les offrir à qui et comme vous voudriez, celà pour votre complet repôs d'esprit et pour nous laisser aussi d'une fois pour toutes avec vos impertinences extemporanées” (pp. 1-2).

⁴⁵ Chegando os herdeiros Salgari a afirmar que a razão da recusa pode residir mais no próprio Luigi Motta, que a teria imposto à editora portuguesa do que à má-vontade desta.

O contra-ataque de Luigi Motta

Vai sendo trocada, entretanto, correspondência com Luigi Motta, na qual a Romano Torres faz saber, em carta de 25 de Janeiro de 1931, ao escritor italiano o conteúdo das reivindicações dos herdeiros de Emilio Salgari, transmitindo-lhe igualmente o facto de que as obras cujos direitos de edição e tradução foram propostos pelos herdeiros são as mesmas que Motta procurou negociar com a editora portuguesa na missiva de 17 de Março de 1930. Termina pedindo a Luigi Motta um esclarecimento relativo a esta coincidência de propostas e perguntando-lhe (e pedindo-lhe um retorno franco e fácil de compreender) que títulos ainda existem por vender e quem detém os direitos sobre os mesmos – se Motta, se os herdeiros. Depois de acusar em 1 de Fevereiro de 1931 a recepção da missiva da Romano Torres, assegurando à editora portuguesa que escreverá no dia seguinte “bien claire” e solicitando-lhe que não escreva absolutamente nada aos herdeiros Salgari “en avant d’avoir reçue ma très interessante lettre”, Luigi Motta envia à editora portuguesa seis dias depois uma longa carta de quatro páginas na qual procura explicar a situação. Começa por esclarecer que os herdeiros de Emilio Salgari são os três filhos (Omar Salgari, Romero Salgari e Nadir Salgari), que classifica de “tres litigieux, et assez difficiles à traiter”,⁴⁶ e com quem o escritor italiano afirma ter assinado um contrato,⁴⁷ atinente às obras do falecido pai, através do qual teriam legalmente cedido os romances cujos direitos foram vendidos à Romano Torres. Informa ainda que pagou aos herdeiros a quantia de mil duzentas e cinquenta liras italianas para adquirir o direito de, seguindo sinopse deixada por Emilio Salgari, escrever com dupla assinatura (Salgari-Motta) o fim do ciclo I Pirati della Malesia, concluindo-a com os títulos, que escreveu,⁴⁸ pelo que acrescenta que os herdeiros Salgari não têm qualquer direito sobre estas obras.

Mas a carta de 7 de Fevereiro de 1931 revela ainda outro aspecto, fundamental para o entendimento de alguma hesitação, quando não dilação,

⁴⁶ Carta de 7 de Fevereiro de 1931, p. 1.

⁴⁷ Contrato assinado entre Luigi Motta e os “mosquetaires Salgari” (p. 3), celebrado em 19 de Outubro de 1925 em Turim, que segue anexado à missiva, embora se trate de uma cópia dactilografada e não de uma cópia autenticada. Da cópia anexada consta textualmente a referência a Portugal, ao Brasil e à língua portuguesa, singularizando o documento geograficamente.

⁴⁸ *La Gloria de Yanez, Lo Scettro di Sandokan, Addio Mompracem!, La Tigre della Malesia, Il Naufragio della Medusa e I Cacciatori del Far West.*

demonstrada por Luigi Motta face a alguns pedidos formais que lhe foram sendo feitos pela Romano Torres. Manifesta-se enfaticamente contra a possibilidade de pessoas exteriores à relação poderem conhecer os contornos de negócios privados entre Motta e a editora portuguesa. A razão desta necessidade de secretismo é dada na última página da carta, na qual Luigi Motta assume estar em litígio com o fisco italiano, tendo tido mesmo que assumir um domicílio em Verona, quando habita em Milão. Nessa medida, o contrato Salgari não é conhecido, desejando o escritor italiano manter essa situação, de modo a evitar processo da parte das finanças italianas, a quem temia ser denunciado pelos herdeiros Salgari. Sustentando a legalidade dos contratos que efetuou, quer com os herdeiros de Emilio Salgari, quer com a editora portuguesa, exorta a Romano Torres a não fornecer qualquer cópia dos contratos entre ambos aos herdeiros, afirmando que os herdeiros não possuem novos romances, detendo somente os que foram publicados pela casa Bemporad, e que estão para ser comprados pela Romano Torres diretamente à editora italiana, e as *Memorie di Emilio Salgari*, editada pela casa Mondadori. Acrescenta que a editorial italiana Sonzogno, “qui à presque tous les Romans Salgari, à imposé dans ces jours, a Messieurs Salgari, de n’ecrire pas des autres Romans... qui ne sont pas de Salgari, pour n’importer dommage à la Collection qui est desormais finie, exclusion faite de deux TIGRE BIANCA et Le Maharajah de l’Assam qui seront publiés dans le 1932”⁴⁹.

A extensa missiva de 7 de Fevereiro de 1931 termina com Luigi Motta a declarar que os únicos romances de Emilio Salgari que têm ainda direitos livres são *I Naviganti della Meloria*, *Storie Rosse*, *Atraverso l’Atlantico in Pallone*, *La Rosa del Dong Giang* e os romances Salgari-Motta. Estes títulos fazem parte de uma lista de obras salgarianas⁵⁰ cujos direitos o escritor italiano se propõe nessa mesma carta vender à Romano Torres, o que constitui, no mínimo, uma jogada temerária num momento em que a propriedade dos livros de Salgari na posse de Motta é posta em causa pelos herdeiros do autor.

Uma semana depois, em carta de 15 de Fevereiro, a Romano Torres agradece a cópia do contrato remetida por Motta, e assegura ao escritor italiano estar

⁴⁹ Carta de 7 de Fevereiro de 1931, p. 2.

⁵⁰ Juntamente com *L’Oceano di Fuoco*, *La Principessa delle Rose*, *Il Leone di San Marco*, *Addio Mompracem!*, *La Tigre della Malesia*, *Lo Scettro di Sandokan*, *La Gloria de Yanez*, *I Cacciatori del Far West* e *Il Naufragio della Medusa*.

convencida de que da parte de Luigi Motta “tout à etait fait légalment” (p. 1),⁵¹ mas solicita delicadamente uma cópia (*publica-forma*) autenticada pelo notário. O escritor italiano, através de missiva datada de 10 de Março de 1931, procura demover a editora portuguesa da exigência de uma cópia autenticada notarialmente, chegando a propor uma cópia fotográfica, substancialmente mais barata. Remete em anexo, em substituição do documento solicitado, uma “copie exacte de l’originale” (p. 1) datilografada, feita pelo próprio Luigi Motta. A resistência de Motta deriva muito provavelmente do fato de que, segundo a nota do notário italiano que acompanha a carta, a cópia notarial envolver a regularização do contrato e a denúncia (isto é, a publicitação) do valor, ou seja o depósito e o registro do contrato, o que remeteria para despesas ulteriores relativas a impostos ou custos similares, de que Motta provavelmente se procuraria livrar. Outra hipótese para a resistência de Luigi Motta em enviar cópia autenticada por ato público prende-se com o diferendo que o opunha aos herdeiros Salgari, e que o levaria a ocultar as somas envolvidas nos negócios entre Motta e alguns editores, com eventuais reflexos na percentagem de direitos de edição e tradução vendidos, que contratualmente teria de entregar aos herdeiros.

Depois de desembolsar o montante de quinhentas liras que custou o recurso ao notário, convencendo dessa forma Luigi Motta, a Romano Torres recebe a cópia autenticada do contrato entre Motta e os herdeiros Salgari anexada a carta de 28 de Março de 1931⁵². Na missiva de resposta, a Romano Torres anuncia que enquanto durar o diferendo, enquanto tudo não estiver bem explicado e enquanto os herdeiros Salgari não cessarem “leurs impertinences”, “il nous ne laisse pas aucune volonté de continuer à negocier les romans de Salgari que les Eredi auront encore les droits, et aussi ceux que vous aurez, et bien entendu, les romans Salgari-Motta”⁵³. Nesta carta, a editora portuguesa questiona ainda Luigi Motta sobre a diferença detectada entre o número total de romances de Emilio Salgari constantes do contrato entre Motta e os herdeiros Salgari (oitenta e oito) e o número total de romances constantes no contrato entre Motta e a Romano Torres (oitenta e quatro), com quatro obras a menos, quando o acordo previa toda a colecção, perguntando também se *I Predoni del Sahara* e *I Predoni del Gran*

⁵¹ Dos herdeiros Salgari, aliás, diz a Romano Torres nesta carta que “ont pensé à nous faire perdre du temps” (p. 1).

⁵² Confira-se nota 32.

⁵³ Carta de 12 de Abril de 1931 para Luigi Motta, p. 2.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

Deserto são o mesmo livro, já que a editora só recebeu exemplares, dois, da primeira obra. A esta pergunta, Motta vai retorquir que *I Predoni del Sahara* e *I Predoni del Gran Deserto* não são o mesmo livro,⁵⁴ acrescentando não existir nenhum exemplar em italiano de *I Predoni del Gran Deserto*, por estar esgotado, sugerindo que pode enviar cópia datiloscrita (feita por ele) do mesmo sobre original depositado numa biblioteca de Milão. A editora portuguesa descobre deste modo, em Abril de 1931, que ainda não possuía um exemplar de todos os livros cujos direitos comprara em Janeiro de 1927. Luigi Motta arrastará a entrega deste livro até Maio de 1933,⁵⁵ quando anuncia em carta de 22 desse mês a remessa para Portugal de um exemplar da obra, acabada de republicar pela editorial Sonzogno. Ainda em 6 de Fevereiro de 1933, a Romano Torres se queixara ao escritor italiano de que se tratava de uma obra comprada pela editora portuguesa e que ela se via privada de editar, “puisqu’il n’existe pas un exemplaire, selon vos paroles, et que vous avez fait figurer dans le traité, malgré tout” (p. 1). Numa crítica pouco velada a Motta, e que transparece alguma ironia, referia então que a responsabilidade acabava por ser da própria editora, por ter feito esse contrato e tê-lo pago antes de possuir um exemplar de todas as obras envolvidas, acrescentando ter sido justamente por isso que a editora portuguesa tinha pago por três obras que não podia editar: *Storie Rosse*, *I Predoni del Gran Deserto* e *Le Caverne dei Diamanti*⁵⁶.

Quanto à questão da discrepância de quatro obras entre contratos, Luigi Motta alvitra que talvez se trate de um “erreur de numeration”,⁵⁷ anotando manuscritamente no fim da carta as frases: “Pour les 4 romans à moi est indifférent de le cataloguer, dans nôtre prochain traité. Avec moi, Vous pourriez toujours traiter et

⁵⁴ Carta de 24 de Abril de 1931 para a Romano Torres.

⁵⁵ Chega a menosprezar a sua relevância no quadro do negócio global, referindo-se, por exemplo, em carta de 18 de Janeiro de 1933 a *I Predoni del Gran Deserto* como “un piccolo romanzo o semplicemente un racconto di 50 pagine” (p. 1).

⁵⁶ Livro que a Romano Torres declara peremptoriamente corresponder (“cette oeuvre, a été écrite par Mr. Rider Haggard”, pp. 1-2) ao livro *As Minas de Salomão (King Solomon’s Mines)*, de Rider Haggard, traduzidas em português por Eça de Queirós. Diz a editora ao escritor italiano: “Vous pouvez bien penser ce que serait de très désagréable pour notre maison de publier ce roman et de le faire figurer parmi la collection Salgari, quand tout le monde connaît son vraie aucteur!” (p. 2). Motta há-de negar que o livro não seja um original de Salgari e, apesar da Romano Torres manter que se trata de uma versão muito próxima da obra de Haggard, o título mantém-se no catálogo da Romano Torres até ao fim da colecção Salgari. Quanto a *Storie Rosse*, é o próprio Luigi Motta quem afirma com candura em missiva de 11 de Fevereiro de 1933, dirigida à editora portuguesa, não ser mais do que uma edição promocional da casa Bemporad e que “Non é un libro originale di Salgari!” (p. 1).

⁵⁷ Carta de 11 de Fevereiro de 1933 para a Romano Torres, p. 2.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

combiner amicalement”⁵⁸. Em carta 14 de Maio de 1931, a Romano Torres tranquiliza o escritor italiano, asseverando que, “à son temps, tout s’arrangera amilcalment” (p. 3). Em missiva de 2 de Julho seguinte, todavia, confrontada duas semanas antes com a insistência dos herdeiros na revelação dos termos contratados com Luigi Motta, a editora portuguesa faz chegar ao escritor italiano um modelo de carta reportado aos quatro títulos ausentes do contrato celebrado com a Romano Torres, solicitando-lhe o preenchimento e o envio da carta que dele resultasse aos herdeiros Salgari, antecipando a possibilidade destes presumirem, ainda que erradamente, que subsistem quatro romances para venda. Terá de passar quase um ano até o enguiço se quebrar: após muita insistência da editora portuguesa e muita resistência do escritor italiano, é recebida em Lisboa, com data de 9 de Junho de 1932, uma carta de Luigi Motta com a declaração pretendida pela Romano Torres, assinada e reconhecida por notário, por conservatória do registro e pelo cônsul português, documento pelo qual Motta solicita quinhentas liras italianas para pagamento de despesas⁵⁹. Esta declaração que é afinal um contrato, assinado em Milão em 24 de Abril de 1932, estabelece a aquisição pela Romano Torres dos direitos de tradução e edição para a língua portuguesa dos quatro títulos de Emilio Salgari em falta.

A segunda investida dos herdeiros e os negócios Sonzogno

O dia 11 de Junho de 1936 é a data que marca o regresso dos herdeiros Salgari ao contacto com a Romano Torres. É desse dia a missiva em que Omar Salgari apresenta à editora portuguesa a possibilidade de adquirir os direitos de tradução de cerca de cem novelas ou contos, de Emilio Salgari, que os herdeiros haviam referido cerca de seis anos antes, na primeira carta que enviam à Romano Torres. Com as coisas mais definidas e formalizadas no atinente aos romances de Salgari e aos contratos com Luigi Motta, a editora manifesta interesse em publicar em língua portuguesa a colecção de novelas ou *Racconti di Avventure di Emilio Salgari*, editadas pela editorial italiana

⁵⁸ *Ibid.*, p. 3.

⁵⁹ Em estado de pré-desespero e depois de intensa troca epistolar com Luigi Motta, a editora portuguesa havia-se oferecido para custear os atos notariais e outras despesas relativas à consecução legal do documento. Em missiva de 22 de Dezembro de 1931 para Luigi Motta, a Romano Torres chega a afirmar taxativamente: “Sans avoir ce document, nous ne penserons pas à des nouvelles affaires.”

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

Sonzogno, de Milão, deixando bem claro que o negócio só interessa para os livros com direitos livres para Portugal e Brasil⁶⁰. Propõe ainda a aquisição dos direitos por lotes de vinte títulos, demonstrando o desejo de seguir a colecção segundo o modelo e a ordem da edição Sonzogno, o que é aceite, desde que o pagamento seja feito por cheque à ordem de Omar Salgari⁶¹.

Entretanto, a editora portuguesa troca correspondência com a própria Casa Editrice Sonzogno, informando, em carta de 25 de Novembro de 1936, a congênera italiana genericamente sobre o acordo entre a Romano Torres e os herdeiros de Emilio Salgari para aquisição dos direitos de tradução e publicação dos *Racconti di Avventure di Emilio Salgari* para Portugal e Brasil. Este enquadramento breve justifica a solicitação endereçada à editora italiana no sentido desta esclarecer se os herdeiros atuais e legítimos de Emilio Salgari correspondem efetivamente à informação prestada à editora portuguesa (Omar Salgari, Secondina Vacchina e o menor Emilio Salgari, filho do falecido Romero Salgari), e se estão em condições legais de negociar um contrato de cessão de direitos, com o pagamento a ser feito a Omar Salgari. A resposta da Sonzogno confirma os nomes, mas informa a editora portuguesa de que se verifica na família um desacordo acerca da herança do falecido Nadir Salgari⁶². Consequentemente, em carta de 28 de Dezembro de 1936, aos herdeiros Salgari, a Romano Torres reporta-se estrategicamente a indicações do advogado da editora acerca da existência de um herdeiro menor e da morte recente de outro herdeiro para perguntar se os herdeiros dão o seu acordo para que o contrato respeitante ao pagamento dos direitos dos números um a vinte (o primeiro lote de novelas de Emilio Salgari) se faça com a editora Sonzogno, que seria igualmente a depositária do respectivo pagamento. Procura, deste modo, evitar problemas posteriores de impugnação familiar ou solicitação de pagamento por parte de terceiros. Os herdeiros dão o seu acordo a este pedido, anunciando em carta de 7 de Janeiro de 1937 terem remetido à Sonzogno uma autorização assinada na qual encarregaram a editora italiana de contratualizar os direitos⁶³.

⁶⁰ Segundo duas cartas remetidas pela Romano Torres aos herdeiros Salgari com as datas de 2 de Julho e 9 de Setembro de 1936.

⁶¹ Conforme carta de 10 de Novembro de 1936 que os herdeiros Salgari fazem chegar a Romano Torres.

⁶² Carta de 3 de Dezembro de 1936 para a Romano Torres.

⁶³ Informação confirmada pela própria editorial Sonzogno em carta de 20 de Janeiro de 1937 para a Romano Torres.

A aquisição das novelas acaba por ser feita em três vezes (através de contratos celebrados em Milão a 1 de Março, 7 de Junho e 18 de Outubro de 1937), com compra de direitos de tradução e edição para a totalidade da língua portuguesa, Brasil incluído, em dois lotes de vinte e cinco títulos e um de trinta e oito títulos,⁶⁴ ao preço de sessenta liras italianas por livro. Ainda chegou a estar prevista a aquisição dos direitos de tradução e edição da obra *L'Ultimo dei Corsari*, com interesse claramente manifestado pela Romano Torres, não se tendo consumado o negócio por divergência de preço entre as partes⁶⁵. A celebração destes três contratos não significou, porém, o encerramento do negócio. Por carta datada de 17 de Maio de 1938, os herdeiros Salgari chamam a atenção da Romano Torres para o fato de que a editora Sonzogno teria aglutinado dois conjuntos de *racconti* num livro, assumindo o remetente que isso iria contra o negócio com a editora portuguesa e com os próprios herdeiros, já que a casa Sonzogno receberia os direitos relativos a oitenta e oito novelas, quando na verdade o acordo seria para cem, pois a agregação de títulos pela editora italiana significou menos doze títulos, daí se explicando a diferença entre os oitenta e oito títulos expressos no contrato celebrado e as cem novelas previstas contratar. Tinham sido pagos, portanto, apenas oitenta e oito volumes. Nesta circunstância, Omar Salgari afirma querer fazer negócio direto com a Romano Torres, perguntando à editora portuguesa se esta estaria interessada efetivamente nas cem novelas e não apenas em oitenta e oito, considerando-se os herdeiros livres de ceder os direitos dos volumes remanescentes (isto é, das doze novelas não publicadas como livros independentes)⁶⁶ a outros.

Depois de uma primeira reação negativa, a editora portuguesa reconhece em missiva de 4 de Julho de 1938 que, após consulta do dossiê relacionado com o contrato, apurou que o acordo estava efetivamente fixado para cem novelas, tendo sido pagos apenas oitenta e oito títulos (correspondentes ao número de volumes da Sonzogno), pelo que assume o erro e dá razão aos herdeiros, asseverando-lhes que tudo será regularizado. Com efeito, em 16 de Setembro, a Romano Torres envia à direção do Banco de Portugal um pedido de autorização para passar um cheque de setecentas e

⁶⁴ Do número um ao vinte e cinco no primeiro contrato, do número vinte e seis ao cinquenta no segundo contrato e do número cinquenta e um ao oitenta e oito no terceiro contrato.

⁶⁵ Divergência assumida como definitiva pelos herdeiros Salgari em carta de 22 de Março de 1938 para a Romano Torres.

⁶⁶ Na verdade não se tratava de novelas não publicadas, na medida em que se encontravam agregadas a outras novelas formando um livro novo com um título diverso.

vinte liras à editora italiana Sonzogno, verba “resultante ainda das transações iniciadas com essa firma em 22 de Fevereiro de 1937 e que julgávamos esse assunto terminado em 7 de Outubro do mesmo ano, conforme nossas cartas”⁶⁷. O pedido é aceite e a verba paga à Sonzogno por contrato formalizado em Milão, a 30 de Setembro de 1938. A solução não agradaria aos herdeiros Salgari, pelo menos a Omar, que em Agosto havia solicitado à editora portuguesa o pagamento directo dos direitos das doze novelas.⁶⁸ Em carta de 23 de Setembro, a Romano Torres explica aos herdeiros Salgari que o pagamento teve de ser feito à Sonzogno em virtude da necessidade de permissão especial do Banco de Portugal para a emissão de cheque internacional de pagamento, autorização que obrigava a que o pagamento fosse feito à mesma entidade a quem foram endossados os pagamentos anteriores no quadro do mesmo negócio. Mais uma vez, esta resposta é tática, pois liquidando o montante em falta directamente à editora italiana – a quem caberia a responsabilidade de redistribuir o dinheiro recebido aos herdeiros – evitava-se o ricochete de possíveis consequências negativas para a Romano Torres derivado de um eventual desentendimento entre a família Salgari relativo à herança de Emilio.

Os desencontros entre a Romano Torres e os herdeiros Salgari, pela pessoa de Omar, não terminam por aqui. No início de Dezembro de 1938, os herdeiros acusam a recepção da lista de romances de Emilio Salgari adquirida pela editora portuguesa e que esta havia enviado, afirmando que a lista padece de inexatidão, contendo obras cuja propriedade Omar Salgari defende não ser da editora portuguesa, sugerindo que a fim de evitar “di equivoci e di noie, Vi prego di inviarmere un altra ma che sai esatta!”⁶⁹. Os termos da carta assinada por Omar Salgari suscitam uma reação vigorosa, quase irritada, da Romano Torres, plasmada em missiva de final desse mês de Dezembro. Esta carta contém um anexo dirigido especificamente a Omar e intitulado “Comme reinseignement et aide-mémoire”, com uma adenda à lista de obras cujos direitos para a língua portuguesa pertenciam à Romano Torres (obras adquiridas à Bemporad e obras de

⁶⁷ Anexada a esta carta surge uma cópia do contrato entre a Romano Torres e a Sonzogno, que recebe os direitos para tradução e impressão para língua portuguesa (Portugal e Brasil) dos doze títulos constantes na carta de Omar Salgari à editora portuguesa com data de 17 de Maio de 1938, a saber: *La Fomme nell’India, Comme Mori il Capitan Besson, I Lottatori Graffinezi, Un Eroico Messagero, Il Diavolo a Bordo, Mano Rossa, Fra gli Artigli del “Grizzly”, Gli Antropofaghi del Deserto, In Mezzo all’Oceano, Lo Squatter del Rio Pecan, Nei Mari Indocinesi, I Moderni Robinson*.

⁶⁸ Postal de 25 de Agosto de 1938 para a Romano Torres.

⁶⁹ Carta de 5 de Dezembro de 1938 para a Romano Torres.

Emilio Salgari-Luigi Motta), desafiando-o a indicar quais das obras que compunham a lista seriam as que o filho de Emilio Salgari consideraria não terem os seus direitos de tradução e edição sido comprados pela editora portuguesa. A Romano Torres pergunta até se Omar Salgari não possuirá os documentos do seu falecido irmão Nadir, sustentando que “Feu Mr. Votre Frère Nadir, avait déjà cette affaire complètement réglé, quoique il nous avait en temps importuné plusieurs fois à ce sujet, mais à la fin, il à pu vérifié et être bien convaincu que nous avions tous les documents, traités, reçus, etc. dans la plus parfaite ordre”⁷⁰. A editora portuguesa não se coíbe mesmo de emitir uma sentença corajosa (“Notre maison ne publie pas des ouvrages sans premièrement avoir acheté et payé leurs droits de traduction”),⁷¹ que, como se viu, não adere totalmente à realidade do que se passou com os primeiros livros de Emilio Salgari que publicou.

Mais de meio ano volvido, os herdeiros Salgari, ainda pela pena de Omar, voltam à carga com este assunto, apresentando à editora portuguesa a sua versão da lista de obras de Emilio Salgari cujos direitos para a língua portuguesa seriam em seu entender propriedade da Romano Torres: cem novelas adquiridas à casa Sonzogno, quatro obras adquiridas à casa Bemporad e as obras adquiridas a Luigi Motta⁷². Face a esta lista, Omar Salgari afirma que a relação anterior expedida anteriormente pela Romano Torres contém erros. Na réplica, a editora portuguesa limita-se a constatar que a lista que os herdeiros enviaram está correta e é coerente com os contratos relativos à compra dos direitos de tradução e edição das obras de Salgari, exortando de novo o remetente a apontar erros e imprecisões⁷³.

As insistências e acusações dos herdeiros Salgari, em ambas as fases da sua troca epistolar com a Romano Torres (primeiro através de Nadir e depois com Omar), terão sido os aspectos mais salientes que dissuadiram a editora portuguesa de prolongar uma relação comercial com aqueles. E isto apesar do interesse que a Romano Torres demonstrou por mais do que uma vez em comprar os direitos de novos títulos salgarianos que lhe fossem sendo apresentados para completar a colecção que ia editando em língua portuguesa. A estocada final surge provavelmente por carta de 26 de

⁷⁰ Carta de 22 de Dezembro de 1938 para os herdeiros Salgari, p. 1.

⁷¹ Ibid., pp. 1-2.

⁷² Carta de 12 de Julho de 1939 para a Romano Torres.

⁷³ Carta de 11 de Agosto de 1939 para os herdeiros Salgari.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

Setembro de 1942, na qual Omar Salgari⁷⁴ anexa uma lista de vinte e cinco romances e vinte e duas novelas de Emilio Salgari, cujos direitos afirma estarem livres para Portugal e Brasil, e rechaça a proposta feita pela editora portuguesa de pagar mil e duzentas liras por romance, considerando-a “troppo misera”. Por seu turno, em missiva de 23 de Outubro, a Romano Torres faz notar que vários dos romances propostos haviam sido já editados no Brasil, concluindo que “de cette façon, on ne peut pas réaliser l’affaire en general”.

O Brasil regressa como tema de discussão em Outubro de 1947. Sem qualquer negócio desde os contratos de 1937 (e o de retificação em 1938), Omar Salgari redige um memorando destinado à Romano Torres, no qual afirma determinação em “riscattare tutto il blocco delle opere paterne e per il solo Brasile”,⁷⁵ solicitando reação e proposta da editora portuguesa com urgência e indagando se as obras que esta publicou foram introduzidas e comercializadas no mercado brasileiro. O tom do documento é insofismavelmente ameaçador, com um propósito intimidatório claro. Veja-se o parágrafo final:

Tenete presente che dopo dieci anni dalla morte dell’Autore le opere sono scadute di dominio pubblico e che la Vs/Casa non avendole protette a mezzo del COPYRIGHT, qualunque editore brasiliano potrebbe stamparle. La mia richiesta è per spirito di correttezza e atto di giustizia, di chi mi aveva compensato, se pur in mínimo valore del blocco letterario. Se io ponessi al corrente qualunque editore brasiliano, che dopo i dieci anni, avrebbero diritto di stampare gratuitamente l’opera, Voi non ricavereste più nulla. Un editore italiano, che vuole transferirsi in Brasile, mi ha fatto la proposta di acquisto delle opere. Vi sollecito di rispondermi, anche nel Vs/totale interesse, di non perdere il tutto

A Romano Torres responde em 13 de Novembro de 1947, recordando que todos os contratos feitos com a editora portuguesa envolvendo obras de Emilio Salgari contemplam a cláusula “dichiariamo d’averle cedute per la língua Portoghese e per il Portogallo e Bresile la proprietà in completo e perpetuo e assoluta de queste opere, puó chiamare in giudizio tutti i contraffattori”. A editora portuguesa declara, então, que a propriedade “completa e absoluta para a língua portuguesa e para Portugal e Brasil” é garantida por lei durante cinquenta anos após a morte do autor. Sem qualquer outro

⁷⁴ Intitulando-se herdeiro de Emilio Salgari (“Omar Salgari Erede di Emilio Salgari”), indicação, aliás, impressa na folha de papel de carta.

⁷⁵ Memorando de 22 de Outubro de 1947.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

elemento ou variável que os pudesse ligar, esta carta é a última que o arquivo histórico da Livraria Romano Torres alberga.

Salgari e falsos Salgari: a multiplicação das obras póstumas

Uma das maiores dificuldades com que a Romano Torres se confrontou no seu inclinado e pedregoso percurso para montar uma série de livros de aventuras constituída em torno da obra de Emilio Salgari prende-se justamente com a profusão de títulos do autor, efetivamente escritos por ele ou da autoria de terceiros⁷⁶. A partir do romance, *Le Tigri di Mompracem*, publicado ao longo de 1883 no jornal da sua Verona natal *La Nuova Arena*, Emilio Salgari produzirá uma obra cujo sucesso vai se ampliando e galgando as fronteiras temporais. Os múltiplos títulos que o autor vai dando à estampa, resultando em boa medida de obrigação contratual de escrita regular, conhecem êxitos de vendas compatíveis com as mudanças sociais e editoriais vividas no contexto italiano da transição do século XIX para o XX⁷⁷. Antonio Piromalli, reportando-se fundamentalmente ao ciclo Pirati della Malesia, refere tratar-se uma narrativa de carácter popular destinada a um consumo de massa num contexto de crescimento do consumo cultural e do acesso cada vez maior de novas camadas populacionais à capacidade de leitura na Itália pós-*Risorgimento*, uma literatura que bebe da mesma fonte coetânea do romance histórico, do romance social francês da segunda metade do século XIX ou dos relatos científicos e de viagens⁷⁸.

Criando universos literários de referência essencialmente – mas de modo algum exclusivamente – juvenil, povoados por heróis como Sandokan ou o Corsário Negro, concebidos e incentivados editorialmente a serem convertidos em instrumentos de fidelização de consumo, Salgari publica romances e novelas que ganharam as

⁷⁶ Para uma introdução à obra salgariana, veja-se POZZO, Felice. *Emilio Salgari e Dintorni*. Liguori: Nápoles, 2000.

⁷⁷ Sobre as transformações no campo editorial italiano na segunda metade de oitocentos e no início de novecentos, vejam-se CHEMELLO, Adriana. “La letteratura popolare e di consumo”. In Gabriele Turi (org.). *Storia dell’Editoria nell’Italia Contemporanea*. Florença e Milão: Giunti, 1997, p. 165-192. CADIOLI, Alberto, VIGINI, Giuliano. *Storia dell’Editoria Italiana dall’Unità ad Oggi. Un profilo introduttivo*. Milão: Editrice Bibliografica, 2004. TRANFAGLIA, Nicola, VITTORIA, Albertina. *Storia degli Editori Italiani: dall’unità alla fine degli anni sessanta*. Roma e Bari: Laterza, 2007.

⁷⁸ PIROMALLI, Antonio. *Letteratura e Cultura Popolare*. Roma: FAP, 2012, sobretudo p. 131-146.

simpatias de largas franjas de público,⁷⁹ despertando, por isso, o que Massimo Carloni apoda de apetites da indústria dos falsos⁸⁰. Seguindo a tipologia de Carloni, na exploração da vitalidade do escritor de Verona surgem os “salgarianos”, epígonos literários⁸¹ portadores do estilo e das referências salgarianas, os “clonadores”, que elaboraram narrativamente em cima de personagens e cenários criados por Salgari para oferecerem – com ou sem autorização dos herdeiros – ao público novos episódios dos heróis salgarianos, e os *negri*, uma forma mais antiga dos atuais *ghost writers*, que, angariados e comissionados pelos herdeiros, escreviam sob a assinatura de Salgari. Alimentou-se, deste modo, o imaginário literário em torno de Emilio Salgari, e alimentou-se, por isso, a indústria da edição de livros de aventuras apócrifos com assinatura Salgari ou com dupla assinatura, primeiro em Itália, depois no estrangeiro, incluindo em Portugal através da Livraria Romano Torres.

A carta de 29 de Abril de 1931 em que a casa editora italiana Bemporad vem propor à Romano Torres a aquisição de novas quatro obras póstumas de Emilio Salgari,⁸² seguindo-se às quatro obras póstumas cujos direitos de tradução e edição haviam sido adquiridos um ano antes, suscitam uma reacção vigorosa da parte da editora portuguesa, que responde descrevendo uma cronologia breve dos episódios que até aí tinham acontecido relativos à aquisição da obra salgariana. Com efeito, a Romano Torres refere ter comprado em 1927 os direitos para a língua portuguesa de oitenta e oito romances de Emilio Salgari, assumindo tratarem-se da produção completa do autor. Em 1930 foram comprados os direitos de mais quatro obras (romances póstumos) à própria Bemporad, julgando uma vez mais a editora portuguesa que se tinha atingido a totalidade dos livros – no caso, os volumes póstumos – escritos por Salgari. Posteriormente surgiram os herdeiros de Emilio Salgari anunciando existirem mais obras com direitos livres para a língua portuguesa, tendo aparecido ainda Luigi Motta e os seus seis romances de dupla autoria Salgari-Motta, antes de a própria Bemporad

⁷⁹ Para uma introdução muito breve à obra salgariana, veja-se FERREIRA, A. J. *Dicionário Emílio Salgari. Seguido de Os 4 Braços de Ganesha*. S.l. [Lisboa]: s.n. [policopiado], 1998.

⁸⁰ CARLONI, Massimo. “Salgari, salgariani e falsi Salgari”. In Franco Spiritelli (org.). *Salgari, Salgariani e Falsi Salgari. Pirati, corsari e uomini del West nella grande avventura salgariana*. S.l. [Senigallia]: Fondazione Rosellini, 2011, p. 7.

⁸¹ O autor considera Luigi Motta como um dos epígonos mais dotados. *Ib.*, p. 8.

⁸² Escritas a partir de sinopse deixada pelo autor e coordenadas por Nadir Salgari, com os títulos *I Cannibali dell’Oceano Pacifico*, *I Prigionieri delle Pampas*, *Manoel de la Barrancas* e *Song Kay il Pescatore*.

assomar então com outros quatro títulos póstumos. Solicitando a entrega de uma cópia da missiva a Nadir Salgari, a editora portuguesa não deixa margem para dúvidas na sua resposta à congênere italiana:

Avec cette quantité de romans de feu Mr. Salgari, (...) nous sommes résolus à n'acheter plus romans, posthumes ou non posthumes, sans avoir bien la certitude combien de romans existent encore avec les droits libres, pour d'une seule fois acquérir la conclusion définitive de cette enorme collection, ou alors, donner cette affaire comme terminée, et limiter notre collection aux romans de que nous avons déjà les droits⁸³.

Não é possível aferir com certeza se a casa portuguesa teria conhecimento das múltiplas autorias, reais e fictícias, da obra salgariana, até porque publicou várias obras de autoria alheia que integrou na coleção Salgari, sempre identificada por esse nome, tanto nos livros como nos catálogos – até à cessação da sua atividade, no ano de 1990, depois de mais de um século de atividade. O certo é que não perde algumas oportunidades para exprimir desagrado no que concerne à sucessiva ampliação do número de títulos atribuídos a Salgari, constantemente a ultrapassar as previsões e expectativas da Romano Torres, que não escondia a pretensão de vir a publicar a obra salgariana completa. Com efeito, na citada carta de 14 de Maio de 1931, que a Romano Torres destina a Luigi Motta, pode ler-se o desabafo feito em tom jocoso que “Nous voyons, que de cette façon, les oeuvres posthumes de Salgari, sont encore plus grandes que tout ce qu'il à écrit pendant sa vie!” (p. 1). Já antes, correspondendo-se com os herdeiros Salgari, a editora portuguesa afirma em tom de quase proclamação: “Enfin, la collection Salgari c'est une chose interminable, et nous croyons bien qu'on n'arriverons jamais á la fin!”⁸⁴.

A partilha deste estado de espírito da Romano Torres com os seus interlocutores não parece afetar particularmente Luigi Motta, que não abandona a estratégia da insistência. No início de Outubro de 1932, por exemplo, chega a perguntar à editora portuguesa como é possível que esta tenha adquirido junto da casa Bemporad alguns romances de Emilio Salgari, deixando de lado “les Romans plus interessantes et necessaires a la Collection Complete”,⁸⁵ justamente para ele, e de forma óbvia, os da autoria de Salgari-Motta. Na resposta, de 7 de Outubro, a Romano Torres faz uma

⁸³ Carta de 11 de Maio de 1931 para a Bemporad, p. 2.

⁸⁴ Carta de 27 de Abril de 1931, p. 4.

⁸⁵ Carta de 3 de Outubro de 1932 para a Romano Torres.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 233-263. ISSN:1808-8031

proposta concreta de compra dos direitos de tradução e edição de seis romances Salgari-Motta (*La Tigre della Malesia, La Gloria de Yanez, Lo Scettro di Sandokan, Addio Mompracem!, I Cacciatori del Far West e Il Naufragio della Medusa*) por três mil liras italianas. A concretização da aquisição ocorre por esse valor em contrato assinado em Milão a 1 de Agosto de 1933. Depois deste acordo, Luigi Motta só conseguirá vender à editora portuguesa mais dois livros atribuídos a Salgari: *I Naufraghi dell'Hansa*, em 2 de Abril de 1951, e *Sandokan il Rajah della Jungla Nera*, em 31 de Julho de 1953, por oitenta e cento e dez dólares, respectivamente. O primeiro livro é arrumado no número doze da colecção Salgari como *Os Náufragos do "Hansa"* e o segundo é cindido, ficando como os dois últimos números, o cento e cinquenta e um, *O Filho de Sandokan*, e o cento e cinquenta e dois, *Sandokan e a Pantera dos Sunderbunds*.

Ao longo da vigência da colecção Salgari, a Romano Torres terá publicado catorze livros não escritos pelo epónimo da série, correlativos de dezesseis números.⁸⁶ Só um destes títulos de falsos Salgari não foi reeditado: *A Vitória da Águia Branca (L'Aquila Bianca)*, número cento e vinte e nove. Refira-se que esta prática não foi exclusiva da editora portuguesa. Tanto os editores italianos – após a morte de Salgari – como os estrangeiros o fizeram, e em alguns casos o promoveram⁸⁷.

Nota conclusiva

A edição das obras de Emilio Salgari pela Livraria Romano Torres marcou várias gerações de leitores em Portugal, marcando igualmente o panorama da literatura de aventuras e da sua juvenilização em língua portuguesa. A elaboração da colecção Salgari foi governada por escolhas editoriais, fruto de estratégias de rentabilização e de sedução dos putativos leitores, bem como da fidelização dos desejados compradores. As transformações sofridas pelo conjunto que formou a colecção Salgari ao longo da sua publicação – relativamente aos originais italianos, mas também no atinente às múltiplas

⁸⁶ *Os Náufragos do "Hansa", As Aventuras de Simão Wander, A Esmeralda de Ceilão, A Herança de 100 Milhões, O Escravo de Madagáscar, Uma Viagem na Austrália, O Naufrágio da Medusa, Raptado por Vingança, Os Caçadores do Far-West, A Vitória da Águia Branca, Sandokan nas Montanhas de Cristal, O Ceptro de Sandokan, Sandokan, Soberano da Malásia, A Última Aventura de Sandokan, O Filho de Sandokan e Sandokan e a Pantera dos Sunderbunds*. Os volumes *Raptado por Vingança* e *Os Caçadores do Far-West* têm origem no livro *I Cacciatori del Far West* (com dupla assinatura Salgari-Motta, da autoria de Emilio Moretto, não atribuída).

⁸⁷ Veja-se POZZO, Felice. *Emilio Salgari e Dintorni*.

reconfigurações da própria edição portuguesa – traduzem seguramente o cariz prescritivo e interventor do editor e da casa editorial. Mas revelam igualmente as contingências e a geografia variável de outros actores, externos à Romano Torres, cuja acção produziu efeitos palpáveis no percurso e estrutura dos livros que iam sendo editados e reeditados, bem como na sua morfologia e inserção em catálogo.

O estudo da colecção Salgari desvela outro tipo de transformações, associadas essencialmente aos mecanismos e fórmulas de editar. Observar a colecção ao longo do tempo é percorrer um trajeto de profissionalização e complexificação nos modos de atuação e operação da Romano Torres. Se aquando dos primeiros tentames o que impera é uma ação mais amarrada a certas orientações alinhadas com práticas oitocentistas e com menor preocupação em torno de questões de médio e longo prazo, à medida que os anos vão passando e a colecção amplia-se e modifica-se, a postura vai-se tornando mais profissional, procurando formular as escolhas editoriais segundo um plano definido⁸⁸ e baseando as decisões em procedimentos formais, como o da aquisição de direitos e propriedade literária através de contratos. Se as primeiras edições parecem ser feitas fora do quadro das autorizações formais dos legítimos proprietários dos direitos e sem rumo perfeitamente estabelecido, a partir da década de 1940 o enquadramento é mais institucional e mais ponderado. Olhar para a colecção Salgari da Romano Torres ao longo da sua publicação é nesse como noutros sentidos, olhar um pouco para uma parte importante do universo da edição portuguesa durante esse período, e que acompanha a maior parte do século XX.

⁸⁸ Vejam-se, a este propósito, os dois conjuntos de folhas tipo-mapa que totalizam treze folhas, depositados no arquivo histórico Romano Torres, nos quais é visível o plano delineado para a colecção Salgari a partir dos contratos com Luigi Motta, com a Bemporad e com a Sonzogno. Estas folhas contêm indicação manuscrita de títulos originais em italiano, número da colecção original e o previsto para cada volume a publicar, agregação desses títulos em livros autónomos com título em português, nota com nome do tradutor, data do contrato de compra dos direitos de tradução e edição, e data de pagamento.